

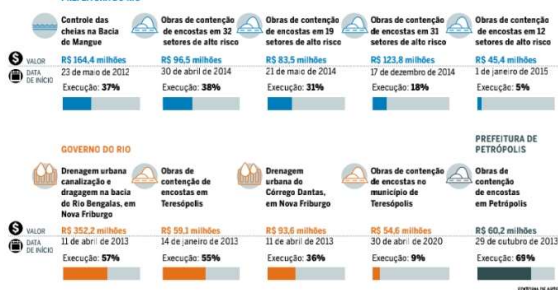
No Rio, dez obras contra enchentes estão paradas

Com orçamentos que, somados, ultrapassam R\$1 bilhão em recursos federais, projetos de combate ao impacto das chuvas seguem sem conclusão no estado. Canteiros ficam na Região Serrana e na capital, onde está o mais antigo, criado em 2012

SÉRGIO BORGES
DIMITRIUS DANTAS
gratuito@oglobo.com.br

ENTRE UM DESASTRE E OUTRO, TRABALHO SEQUE EM RITMO LENTO

PREFEITURA DO RIO



GOVERNO DO RIO



CRITICIDADE LULA

Apesar de o assunto não ter sido o foco principal da reportagem, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou as obras paralisadas em gestões passadas ao lembrar da forte chuva que caiu na Zona Oeste do Rio de Janeiro em 2011, quando ele era governador. Lula disse que a obra está paralisada por falta de medição do trabalho realizado há mais de 90 dias e problemas técnicos de execução.

entre a prefeitura da capital e o governo federal, por exemplo, prevê a ampliação da calçada do Rio Trapezeiro e a construção de reservatórios profundos. Segundo o painel de obras do Ministério da Gestão, o investimento total previsto é de R\$ 164,4 milhões. Até o momento, 37% do serviço foi executado. O site do governo diz também que a obra está paralisada por falta de medição do trabalho realizado há mais de 90 dias e problemas técnicos de execução.

As outras quatro obras tocadas pelo município do Rio, e paradas, são de contenção de encostas em 94 setores de alto risco de deslizamento na cidade. Os trabalhos nos quatro lotes tiveram início nos anos de 2014 e 2015. O painel de acompanhamento de obras diz que

as paralisações se deram por falta de documentação, falta de medição do trabalho realizado e problemas na execução. Procurada, a prefeitura do Rio informou que as obras sob sua responsabilidade faziam parte do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal e que, a partir de 2016, foram criadas novas normativas relacionadas ao acompanhamento desses projetos, o que ocasionou a necessidade de revisão e adequações.

O município afirma ainda que, diante da importância dessas obras, projetos foram refeitos e agora algumas intervenções estão sendo executadas com recursos do tesouro municipal — outras passaram por revisão para pleitear a incorporação ao novo PAC. Sobre a obra de drenagem no Canal de Mangue, a administração municipal diz que

de alto risco de deslizamento. Foram verificados problemas de execução nas intervenções orçadas em R\$ 59,1 milhões e R\$ 54,6 milhões. No grupo de obras paralisadas há uma que foi municipalizada na cidade de Petrópolis. Iniciada em outubro de 2013, a intervenção, com valor de R\$ 60,2 milhões, teve 69% do serviço entregue. A prefeitura de Petrópolis acusa a gestão anterior da cidade de não fazer pela obra. Disse ainda que em 2022 o governo estadual se ofereceu para assumir a intervenção, mas nada foi feito.

ATRAQUE DE 2011
Os temporais de janeiro de 2011, que atingiram as três cidades da serra fluminense, deixaram mais de 900 mortos na maior tragédia climática da história do Brasil.

O governo do estado informou que todas as suas obras citadas seguem os planejamentos técnicos e prazos legais e que trabalha para solucionar adequações identificadas ao longo da execução das intervenções. A gestão estadual afirma que as obras no Rio Bengalas e no Córrego Dantas, em Nova Friburgo, não estão paralisadas, e que ambas receberam recursos da Caixa Econômica Federal. Em relação ao Rio Bengalas, são previstas, de acordo com o governo, quatro etapas de intervenções e duas foram concluídas com a canalização de 3,4 quilômetros de trecho do rio e a construção de quatro passarelas. No Córrego Dantas, ainda segundo a gestão estadual, foram realizadas a canalização e a dragagem no trecho dois. O trecho um da obra prevê canalização, dragagem, urbanização e substituição de quatro travessias.

'Estou em choque', diz ex-vereador sobre morte de líder comunitário da Zona Oeste

JÉSSICA MARQUES
jessica.marques@oglobo.com.br

O líder comunitário Marlon Schuengue da Silva, de 30 anos, conhecido como Marlon Alemão, foi morto a tiros dentro de um restaurante japonês na noite de quarta-feira, na Freguesia, Zona Oeste do Rio. Marlon foi assessor de Marcello Siciliano (PP), ex-vereador que che-

gou a ser investigado por envolvimento na morte da vereadora Marielle Franco em 2018. Siciliano está fora do país desde o revellon. Ao GLOBO, o político afirmou que foi avisado da morte do aliado, que era presidente da associação de moradores da Gardênia Azul, também na Zona Oeste, pela mãe de Marlon. Para ele, a notificação ocorreu "sem choque".

— Caso eu não viesse candidato, ele seria a pessoa apoiada por mim e pelo meu grupo. Infelizmente, não permitiram que ele chegasse a esse momento. Se você incomoda os outros, você leva pedrada. Estou em choque com a notícia da morte dele — afirmou ex-parlamentar. Apesar de não ter anunciado oficialmente, Marlon se preparava para sair como



Parceria. O líder comunitário Marlon Alemão e o ex-vereador Marcello Siciliano

candidato a vereador nas eleições deste ano, com o apoio de Siciliano. Ele e o ex-parlamentar compartilhavam em suas redes sociais ações comunitárias realizadas na Gardênia. Uma delas foi publicada no perfil de Siciliano na noite da execução. Marlon Schuengue estava à frente da associação de moradores do bairro há pouco mais de seis anos. Antes, havia quatro entidades na Gardênia Azul, mas ele atuou para manter apenas aquela sob seu comando. O crime é investigado pela Delegacia de Homicídios da Capital (DHC).